12º PROJETAR
REEXISTIR NO MUNDO CONTEMPORÂNEO
interpretar, conservar e transformar
14 a 17/10 | Pelotas | Rio Grande do Sul | Brasil 2025

Estética e espacialidade: outros sentidos experimentais para o projetar

Eixo Temático: Interpretar

SCHEEREN, Rodrigo
Doutor em Arquitetura e Urbanismo | Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia | rodrigoscheeren@gmail.com
ALMEIDA, Dilton de
Doutor em Arquitetura e Urbanismo | Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia | dilton.almeida@ufba.br

Resumo

O artigo apresenta uma abordagem didático-experimental da estética no ensino de arquitetura, propondo a possibilidade da poiésis na produção estética, como alternativa à sua compreensão apenas pela dimensão teórica ou contemplativa. Os métodos experimentais adotados dividem-se em três momentos: fundamentação filosófica, experiências de apreensão do espaço urbano, e, por fim, o projeto de um dispositivo espacial. Os resultados demonstram a capacidade dos alunos em propor espacialidades conceituais a partir da vivência da cidade e da reflexão crítica, superando abordagens formais e estilísticas. O processo enfatizou o papel da percepção e da imaginação na criação arquitetônica através de dispositivos espaciais, propondo práticas espaciais críticas que articulam arte, corpo, cidade e vida cotidiana, conferindo novos sentidos ao ato de projetar.

Palavras-chave: Estética; Processo de projeto; Arte e Arquitetura.

Aesthetics and spatiality: other experimental senses for designing

Abstract

This article presents a didactic-experimental approach to aesthetics in architectural education, proposing the possibility of poiesis in aesthetic production as an alternative to understanding it solely through theoretical or contemplative dimensions. The experimental methods adopted are divided into three phases: philosophical foundation, experiences of understanding urban space, and, finally, the design of a spatial device. The results demonstrate the students' ability to propose conceptual spatialities based on their experience of the city and critical reflection, transcending formal and stylistic approaches. The process emphasized the role of perception and imagination in architectural creation through spatial devices,

proposing critical spatial practices that articulate art, body, city, and everyday life, giving new meanings to the act of designing.

Keywords: Aesthetics; Design process; Art and Architecture.

Estética y espacialidad: otros sentidos experimentales para el diseño

Resumen

Este artículo presenta un enfoque didáctico-experimental de la estética en la formación arquitectónica, proponiendo la posibilidad de la poiesis en la producción estética como alternativa a su comprensión únicamente a través de dimensiones teóricas o contemplativas. Los métodos experimentales adoptados se dividen en tres fases: fundamentación filosófica, experiencias de comprensión del espacio urbano y, finalmente, el diseño de un dispositivo espacial. Los resultados demuestran la capacidad de los estudiantes para proponer espacialidades conceptuales basadas en su experiencia de la ciudad y la reflexión crítica, trascendiendo los enfoques formales y estilísticos. El proceso enfatizó el papel de la percepción y la imaginación en la creación arquitectónica a través de dispositivos espaciales, proponiendo prácticas espaciales críticas que articulan el arte, el cuerpo, la ciudad y la vida cotidiana, resignificando el acto de diseñar.

Palabras clave: Estética; Proceso de diseño; Arte y Arquitectura.

1 Apresentação

O campo da estética apresenta uma "natureza camaleônica" (Iser, 2001, p. 36) e bastante ampliada em termos de apreensão conceitual, histórica e contextual. A sua complexidade remete à dimensão cosmética e decorativa, cognitiva, emotiva, à apreensão pelos sentidos, à singularidade da arte, de seus modos específicos de produção e aos vínculos com o mundo da vida e da fruição. O "mal-estar" da estética que Jacques Ranciére (2023) nos apresenta, trata da sua condição contemporânea, que privilegia a vinculação com a singularidade da arte, sua constituição material e simbólica, e seu regime de diferenciação com a questão do comum, dos objetos e da pura contingência do mundo da vida, ao mesmo tempo que tenta se aproximar dela.

Diante dessas fraturas, começemos pelo mais simples, entendendo a estética como um ato que move nossas faculdades, atravessadas pelo conhecimento sensorial que apresenta algo diante do perceptor, conformando-se como uma "operação modeladora" (Iser, 2001, p. 41). Diz respeito ao modo como somos afetados: é o regime de experiência no qual percebemos e pensamos alguns objetos e performances que não é o da fruição elitista (Ranciére, 2023, p. 9). Assim, o regime do estético é o fazer acontecer que extrapola o molde dos nossos sentidos, o efeito dos objetos sobre nossos sentidos e a geração de formas de perceber e de imaginar (Iser, 2001, p. 42).

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo determinadas pelo Ministério da Educação desde 2006, a Estética é apresentada como um núcleo de conhecimento imprescindível para a capacitação profissional do futuro arquiteto-urbanista. Diante de uma formação cujo espectro disciplinar é tão diverso e imbricado, torna-se um desafio pedagógico delimitar a Estética de forma qualificada e precisa, atenta ao "saber-fazer" arquitetônico que articula o projeto como hipótese, determinado pelo exercício de intervenções projetuais espaciais (Cordiviola, 2001).

Nos cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo, é recorrente que a Estética seja abordada a partir de dois pólos epistemológicos distintos: o de caráter histórico-descritivo, baseado na apresentação da natureza da arte e da arquitetura de forma teleológica, a partir de estilos que se sucedem ao longo dos tempos e

culturas; e o de caráter filosófico-abstrato, centrado no aprofundamento teórico de uma história do pensamento estético, frequentemente desvinculada do fazer arquitetônico.

No caso pedagógico que apresentamos, formulou-se uma unidade curricular de início de curso no campo da Estética, para a nova matriz curricular da graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA. A unidade curricular se inscreve em um campo de mais de duas décadas de intensa e aprofundada pesquisa e ensino conduzidos por docentes da instituição, articulando e atualizando debates em torno da cidade, do corpo, da arte e da subjetividade, bem como investigações voltadas à formulação de metodologias para a apreensão da complexidade das cidades contemporâneas (Jacques et al., 2015).

Desse modo, concebemos uma unidade que se distancia tanto de uma "história da estética" quanto da possibilidade redutora de uma "estética aplicada". A partir da articulação de debates estéticos, exercícios de apreensão sensível da arquitetura e da cidade e de experimentações artísticas, constituímos com os estudantes a sensibilização para se articular outros sentidos na dimensão do projetar.

Essa demarcação articula como temas e categorias podem atuar enquanto disparadores do pensamento projetual, em suas dimensões conceitual, de linguagem e de expressão plástica, visando à construção de uma "prática espacial crítica" (Rendell, 2006). Seu propósito é o de ir além das considerações teóricas e reconhecer, de maneira experimental, quais podem ser esses outros "sentidos" do projetar espacialidades. Sentidos que buscam reclamar a possibilidade da *poiésis* (Agamben, 2012) na produção, ao convergir a dimensão prática criativa com a estética, em que, "do lado do sujeito, ela deve explorar a atitude, a experiência, a emoção ou as emoções, o juízo e avaliação estéticos" (Talon-Hugon, 2015, p. 120), não como mero espectador, mas como criador.

A partir desses princípios, desenvolvemos práticas pedagógicas que estimulassem a criação de formas simbólicas e expressivas, e de dispositivos espaciais capazes de promover, de maneira aberta, novas relações com o mundo da vida a partir da experiência sensível. Apresentamos os métodos experimentais de trabalho elaborados ao longo desta unidade curricular, voltados à construção de uma estética para além da teoria.

2. Métodos de trabalho

O curso, intitulado "Estética, experimentação e apreensão da arquitetura e da cidade", realizado no primeiro semestre de 2024, foi iniciado com um módulo de fundamentação filosófica voltado à demarcação epistemológica da Estética e de suas especificidades, historicidade e implicações na percepção e na expressão criativa. A etapa incluiu aulas expositivas, visita ao Museu de Arte Contemporânea da Bahia e seminários baseados na leitura e análise de textos e obras.

O segundo momento, de experiência urbana, instigou a imersão na cidade, percepção e apreensão relacional do corpo com a espacialidade arquitetônica, paisagística e urbana por meio das práticas experimentais de deriva, insistência e catação, realizadas em grupo pelos estudantes. Essa etapa envolveu a produção de visualidades e de linguagens através de croquis, fotografias, cartografias, colagens, coleta de objetos e registros realizados durante as imersões.

O terceiro momento, dedicado ao projeto de espacialidades, exigiu a tradução da experiência urbana em uma proposição crítica inserida em lugar e contexto definido na Faculdade de Arquitetura, por meio da transposição de conjuntos de conceitos para composições concretas no espaço, considerando a relação com a escala do corpo. Essa etapa envolveu o desenvolvimento experimental de um projeto de dispositivo espacial em um *site* específico, realizada em grupos, executada em escala real através da materialização da proposta, após pesquisa de referências, elaboração de protótipos, testes e análises.

Todas as etapas aconteceram a partir de diretrizes fornecidas pelos professores e se seguiram de acompanhamentos, diálogos e assessoramentos, exigindo pesquisas e organização autônoma e colaborativa dos estudantes.

3. Materiais emergentes

3.1 Fundamentação Filosófica

As atividades iniciaram com aulas introdutórias acerca de temas centrais para o surgimento e desenvolvimento da disciplina filosófica da estética e algumas de suas

relações com a história cultural e das artes, contextualizando-os com informações e leituras de obras. Na sequência, uma aula foi dedicada à visita ao Museu de Arte Contemporânea, que possuía como tarefa a seleção individual de uma obra de artista apresentada na exibição coletiva que ocorreu naquele momento. Cada estudante deveria fazê-lo com base em como a obra o afetou, fotografando-a para registro. Na aula seguinte, com as imagens impressas das obras, houve uma dinâmica relacional de montagem, aproximando as obras a partir da leitura e descrição dos afetos expressada por cada estudante. Assim, como um modo kantiano de ajuizamento, cada estudante comunicou o que sentia e, aproximando as obras dispostas sobre uma mesa, gerou associações aproximando a ação a um processo curatorial. As aulas posteriores apresentaram os temas do modernismo desde o início do século XX, as vanguardas e os movimentos de rupturas, a abstração e a industrialização como motes para a arte e a arquitetura, conduzindo a temas da contemporaneidade e do campo ampliado, também contextualizando-os por meio de informações e leituras de obras, com o objetivo de expandir o repertório e o imaginário dos estudantes.

Os textos escolhidos para os seminários objetivaram o fomento da leitura, a compreensão e o debate de conceitos-chave para a estética e relações culturais entre arte e arquitetura, como experiência, autoria, crítica, vanguardas, institucionalização da arte e a superação das fronteiras entre as formas de expressão artística. A atualidade dos textos de Walter Benjamin (2012) "Experiência e pobreza", "O autor como produtor" e "O surrealismo", provocaram sobre a formação da subjetividade pela experiência, as contradições da modernidade e a crítica ao progresso, a compreensão do autor como alguém capaz de muito além de informar, envolver o público de maneira emancipatória, a percepção da história e das lógicas do passado como uma forma de iluminação para estratégias de mudança em suas relações políticas.

Jacques Rancière (2012), com o "Desventuras do pensamento crítico", dialoga sobre a crítica e sua capacidade de causar choques e curto-circuitos nas primeiras impressões, mas também pela análise dos limites da crítica. Arthur Danto, em "O mundo da arte" (Duarte, 2012), expõe as relações da arte que se apropriam do comum, do cotidiano e das relações com o mundo da vida, além da sua visão institucional sobre o que considera arte e suas características para adentrar o

ambiente do museu. Rosalind Krauss (2008), no texto "A escultura no campo ampliado", esboça a transição dos anos de 1960 em relação ao objeto artístico, sua autonomia e borramento de fronteiras com outros campos disciplinares, como a arquitetura.

Finalizamos a etapa com uma revisão do que foi apreendido nas aulas anteriores, a fim de fixar os principais elementos para o entendimento da estética e suas relações cruzadas entre arte, arquitetura e vida, enquanto disparadores para projeto.

3.2 Experiências urbanas

Esta etapa pôs em prática a imersão no espaço da arquitetura e da cidade, iniciada por meio da prática da deriva. A deriva foi utilizada como um mecanismo não guiado de caminhada e descoberta de novas ambiências urbanas, conforme proposto pelos situacionistas, que, contra a alienação promovida pela cultura do consumo, defendiam a participação ativa dos indivíduos em todos os campos da vida social, considerando o espaço urbano um campo de ação, criação de formas de intervenção e de luta contra a monotonia (Jacques, 2003, p. 13). Com o objetivo de se deslocarem sem finalidade específica, criando situações e experiências no espaço da cidade, os estudantes organizaram-se em grupos, escolhendo pontos distintos de partida, as regras a serem seguidas, o dia da atividade e o tempo aproximado de caminhada. Seguindo Francesco Careri, o caminhar "traz consigo os significados simbólicos do ato criativo primário: a errância como arquitetura da paisagem, entendendo-se com o termo paisagem a ação de transformação simbólica, para além de física" (Careri, 2015, p. 28). Dessa atividade, cada estudante concebeu uma cartografia individual utilizando desenhos e colagens com fotografias e materiais à sua escolha, como modo de apresentar a experiência enquanto uma psicogeografia afetiva, expressando as vivências sem que o registro se tornasse um mapa meramente informativo.

Figura 1: Conjunto de imagens selecionadas das cartografias realizadas pelos estudantes.



Fonte: Autores.

Para complementar a experiência da deriva, realizaram a atividade identificada como catação, que consistia na coleta de objetos, texturas e materialidades encontrados no caminho da deriva, considerando resíduos, partes de elementos ou registros de detalhes nas arquiteturas. Desse modo, foi possível trazer outras camadas de eventos e de memória para a experiência vivenciada. A partir das propostas metodológicas de Alessia de Biase (2012), os estudantes escolheram um local da deriva para regressarem na oficina de insistência, que consistiu em permanecerem sentados observando de maneira antropológica as apropriações do espaço, as pessoas, ações e eventos que aconteciam durante um determinado período de tempo. Essa experiência foi registrada por meio de anotações e desenhos em um caderno pessoal, promovendo uma outra camada da experiência vivenciada. O conjunto desses registros e expressões criativas resultaram em um exercício de montagem (Jacques, 2018), em que cada grupo poderia narrar e comunicar as suas experiências de imersão urbana e arquitetônica.

Figura 2: Conjunto de imagens com alguns processos de montagens realizadas pelos estudantes.



Fonte: Autores.

3.3 Projeto de um dispositivo espacial

Na busca por uma dinâmica de projeto que desenvolvesse desde o início a capacidade de abstrair e enunciar conceitos para o ato projetual, um encontro foi destinado à realização de montagens coletivas. A atividade exigiu que cada grupo realizasse leituras acerca dos materiais produzidos na etapa anterior. Para isso, os estudantes se debruçaram sobre as cartografias, os registros das insistências e o material coletado durante a catação. Esse conjunto formou uma trama complexa de narrativas, a partir da qual fundamentaram o primeiro nexo: uma frase nodal que sintetizasse a experiência estética vivenciada durante a imersão urbana. Em seguida, houve uma troca: cada grupo passou a interpretar o material exposto por outro, criando o segundo nexo para o mesmo substrato. Desse modo, surgiram leituras cruzadas e uma colaboração rica entre os estudantes.

Alcançar uma dimensão conceitual do projeto não é algo trivial, mas fez parte das atividades experimentais adotadas nessa etapa porque se compreendia que o exercício seria fundamental para a relação sensação/percepção/criação dos estudantes. Seguindo Deleuze e Guattari (1992), um conceito não é um elemento simples, opera articulando componentes heterogêneos: um acúmulo de pensamentos que adquire consistência dentro de um acontecimento. A fim de potencializar esse entendimento, lecionamos aulas sobre o processo de projeto e o ato criativo, estabelecendo leituras sobre obras de arte e de arquitetura, além da exposição de uma convidada acerca da noção de programa e suas possibilidades de assimilação ampliada.

A proposta a ser desenvolvida por cada grupo deveria expressar a poética dos nexos por meio de um dispositivo espacial a ser executado em um local da

faculdade, como contexto e lugar que dialogasse com o projeto. Após escolhas e levantamentos, os estudantes procederam a pesquisas de referências de projetos, materiais e métodos para a execução, que foram testados e acompanhados de discussões com os professores. A dinâmica se aproxima da noção de estética de Rancière (2018), como um regime específico de identificação e pensamento das artes - aqui compreendida como uma noção ampliada que abrange a arquitetura - , que articula modos de fazer, formas de visibilidade e modos de pensar sobre essas relações. A seguir, apresentamos os resultados dos 5 projetos executados:

Do Pó ao Plástico

Figura 3: Colagem da instalação/performance "do pó ao plástico".



Fonte: Autores.

Nexos: Coexistência de Materialidades em Movimento; Aterro Marítimo.

O que se encontra e o que resta após o fim de tudo? A proposta dialoga com as materialidades encontradas no percurso, saturadas em seu excesso na instalação, conferindo um novo sentido pelo acúmulo e as noções de artificialidade entremeadas à natureza.

Dissonância

Figura 4: Registro da instalação “dissonância”



Fonte: Autores.

Nexos: Caminhos Ábsonos; Disfunção, apropriação e camuflagem.

Expressa a percepção dos diferentes tipos de edificações no contexto, as barreiras que evitam visualizar e entender os contrastes urbanos dos assentamentos formais e informais na cidade. Os caminhos e atalhos que se formam no caminhar, conduzem e modulam o comportamento na instalação, e revelam as falsas sensações de insegurança.

Natureza por um fio

Figura 5: Registro da montagem “natureza por um fio”



Fonte: Autores.

Nexos: Vida e morte: pedras, plantas e pessoas; Não somos o que queremos, mas o que conseguimos.

A proposta parte de uma situação paradoxal, ao se pensar o que poderia ser considerado vivo, levando em conta a memória de carbono secular de alguns elementos. Ressalta a nossa racionalidade por um fio, e o quanto acabamos nos guiando pelo reflexo dos nossos próprios movimentos. O contexto em que a obra foi inserida é o de uma situação de camuflagem.

Arqui.pélago

Figura 6: Registro de parte da instalação “arqui.pélago”



Fonte: Autores.

Nexos: Mares Concretos: universos materiais; Memórias de uma passagem.

A proposta demarca a concretude simbólica que o mar e suas entidades têm no contexto do qual a ideia emerge, através das cores, objetos e formas. Dialoga com o tempo e o espaço através do movimento e de elementos como a água, e as relações de escala quando comparados entre a presença humana e a imensidão do oceano.

Fau(na)

Nexos: Sagrado e Profano; Evolução ou destruição.

A proposta mostra a interseção entre o natural e o artificial, numa forma de simbiose. A partir de uma leitura da relação entre locais e situações, manifestações religiosas e pagãs, apropriam-se dos acontecimentos e projetam os conceitos inserindo a obra num dos elementos mais sagrados da arquitetura moderna, subvertendo também a ideia do natural por meio de representações da vegetação em meio industrializado, mas com matéria prima vegetal.

4 Agenciamentos

Os resultados dos projetos são instalações que por si mesmas conferem valor e gestos estéticos, não pela sua aparência, mas pelo processo de apreensão e criação

efetuado individualmente e pelos grupos. Demonstrou-se a capacidade dos estudantes em projetarem de maneira autônoma, resultando em proposições não determinadas por códigos arquitetônicos pré-estabelecidos, mas no movimento de considerar a experiência e a apropriação espacial, a fim de torná-las espacialidades conceituais e relacionais. Nesse sentido, as atividades propostas pela unidade curricular consideram, seguindo Bondía (2002), que o par teoria/prática remete a uma perspectiva política e crítica, pois trazem consigo a noção de "reflexão sobre a prática", em que os sentidos apreendidos pelas experiências, mais os conceitos enquanto síntese, tornam-se disparadores criativos para a produção de um projeto que afeta e, ao afetar, engloba o próprio sujeito da criação. A proposta da instalação surge como obra que opera a produção de presença, através do estatuto poético do sujeito, constrói o espaço de seu pertencimento no mundo e de sua abertura para uma dimensão mais original do tempo, revelando-o como ser histórico, num jogo que assegura a liberdade e a duração da sua ação (Agamben, 2005).

A tarefa exigiu dos estudantes o esforço de realizar abstrações, partindo da experiência empírica, da percepção individual à formulação conceitual coletiva, para a constituição de uma poética que criou um campo relacional sensível, portanto, estético. No dispositivo espacial, esse campo surgiu a partir da leitura do lugar e da necessidade de inserção numa relação de escala adequada para criar um contexto, os devidos efeitos e afetos com o espectador/participante. Surgiu, também, da proposta de um programa, escolha de materiais, cores e técnicas de execução, para garantir que a instalação se efetivasse. A busca por esses dispositivos partiu da orientação de escapar das soluções literais e encontrar materiais simples, baratos e de fácil manipulação. Desse modo, os projetos apresentaram novas maneiras da participação/interação acontecer na faculdade e, seguindo a indicação de Ranciére, com a qual devemos "transpor o abismo que separa atividade de passividade" (Ranciére, 2012, p. 16).

Entre o perceber/sentir e a arte/arquitetura, recorremos a Deleuze e Guattari (1992) para compreender "o que nos afeta?", partindo da arte como linguagem das sensações. O desafio é o de criar obras que causem percepções e afetos que atravessem o espectador, causando um efeito duradouro e que possa se desdobrar em outros motivos criadores. Não se trata de uma articulação expressiva superficial, acrítica, pouco experimentada ou não refinada, entregue à lógica publicitária,

mercadológica ou ao simples efeito do choque que se dissipa logo após experienciado. Envolve práticas espaciais críticas, que questionem situações, permitam sentir e interpretar para além do que sente quem as criou. Como indica Braga (2021), a partir das obras espaciais de Hélio Oiticica, as instalações tornam-se campo para o gesto e arquiteturas, permitindo que o corpo seja atravessado por uma onda estética que desloque o sujeito de um comportamento condicionado, no qual emerge a consciência do corpo como totalidade viva em relações com o mundo (Braga, 2021, p. 186-7).

O uso da palavra, do expressar, e do comunicar, nas diversas formas de explorar outras linguagens durante o percurso, seja pela cartografia, seja pela instalação, demonstraram a capacidade dos estudantes em desenvolverem tarefas que situam-se além da representação pelo desenho. Apesar de notarmos algumas limitações nas aulas, leituras e práticas, os estudantes de primeiro semestre demonstraram capacidade de compreensão dos principais elementos expostos, convertendo-os em mecanismos próprios de criação. O indicativo dos nexos forneceu diretrizes para o desenvolvimento da proposta do projeto, permitindo certa margem de abertura para manipulações poéticas.

Assim, como Rendell (2006) ressalta, a prática espacial crítica surge de atividades situadas no contexto, através de processos conceituais e que lidam com debates acerca da cidade, modificando a ênfase na arquitetura como produto – definido como objeto, forma ou representação – para as qualidades estéticas das relações sociais através das quais a arquitetura é produzida, encontrada e envolvida na vida cotidiana (Rendell, 2006, p. 192). O exercício projetual, compreendido desse modo, não é uma tarefa simples para os estudantes em início de curso. No entanto, o esforço envolvido nas práticas experimentais criadoras exige uma "percepção ativa que põe em alerta a nossa imaginação e as nossas emoções" (Talon-Hugon, 2015, p. 107), conformando modos da estética se alocar e conferir novos e experimentais sentidos ao ato de projetar.

5 Agradecimentos

Agradecemos aos estudantes em seus grupos: Heloisa Guimarães, Karla Rasteli, Marcos R. Sá, Maria L. Leal, Thayra Guimarães (1); Ana Therra Cordeiro, Beatriz Cal,

Emily Vitória C. dos Santos (2); Felipe Gonçalves, Hellen Vitória, Letycia Santana, Pietra Fabia (3); Ana Carolina Modesto, Daniel Souto, Gustavo Rocha, Letícia Stavola, Rayra Cerqueira, Rafael Valois (4); Ana Clara Ribeiro, Giovanna Peixoto, Isadora Arsati, Leticia Cabral, Stephanie Gomes, Yasmin Perrone (5).

6 Referências

AGAMBEN, A. **O homem sem conteúdo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.

DE BIASE, A. Insistência urbana, ou como ir ao encontro dos "imponderáveis da vida autêntica". **ReDobra**, n. 12, 2013.

CORDIVIOLA, A. R. Notas sobre o saber projetar. Arquitextos, São Paulo, ano 02, n. 017.09, **Vitruvius**, out. 2001.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20–28, jan. 2002.

BRAGA, P. **Arte contemporânea**: modos de usar. São Paulo: Elefante, 2021.

CARERI, F. **Walkscapes**: O caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

DUARTE, R. (Org.). **O belo autônomo**: textos clássicos de estética. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

ISER, W. O ressurgimento da estética. In: ROSENFIELD, D. L. (Org). **Ética e estética**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

JACQUES, P. B. **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JACQUES, P. B.; BRITTO, F. D.; DRUMMOND, W. (org.). **Experiências metodológicas para compreensão da complexidade da cidade contemporânea**. Salvador, BA: EDUFBA, 2015. 4v.

KRAUSS, R. A escultura no campo ampliado. **Arte & Ensaios**, V. 17, n. 17, p. 128-137, 2008.

TALON-HUGON, C. **A estética: teoria e histórias**. Lisboa: Texto & Grafia, 2015.

RANCIÉRE, J. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2018.

RANCIÉRE, J. **Mal-estar na estética**. São Paulo: Editora 34, 2023.

RANCIÉRE, J. **O espectador emancipado**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

RENDELL, J. **Art and Architecture**: A Place Between. London: Bloomsbury Academic, 2006.